

DEPÓSITO LEGAL

317

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORIAL

Direcção Literária de

Heitor Campos Monteiro
Dr. Germano Campos Monteiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua do Almada, 107-2.º — PORTO
Propriedade da Empresa do «Magazine Civilização», L.ª

OCTAVIO
254, III

Editor — E. Costa Monteiro



Ultima homenagem



MARIA RITA, que nasceu a rir, sente-se morrer de dor nesta hora de luto, prestando homenagem a Campos Monteiro, que foi em vida escritor ilustre e o mais categorizado colaborador de suas páginas.



Ultimos versos

A trágica profecia do poeta

O último livro de versos de Campos Monteiro — *O Raio Verde* — foi sublinhado por esta legenda trágicamente profética — *Ultimos versos...*

Foram, desgraçadamente para nós todos, os seus últimos versos.

Ele mesmo o disse neste prólogo encantador, tão liricamente tocado, de profunda e resignada tristeza:

«A' beira-mar, quando o sol cai no poente,
(como um gladiador ensangüentado
que tomba envolto no reflexo ardente
de um velário de púrpura e brocado)

emite um raio verde, — adeus alado,
lucilação final de um fogo ingente.
Sombras depois... E enfim, no céu magoado
abre seu pálio a Noite, lentamente...

Este livrinho — em pôr-de-sol tristonho,
sem o doirado rosicler da Esp'rança
nem a bruma eucarística do Sonho —

é o *Raio Verde* que o meu estro lança,
— pequenina esmeralda que eu deponho
nas pequeninas mãos de uma criança...

Não sei de nada mais comovedor do que esta despedida do Poeta, que, *sem o doirado rosicler da Esp'rança nem a bruma eucarística do Sonho*, faz do *raio verde* do Sol da sua vida a *pequenina esmeralda* que depõe nas *pequeninas mãos de uma criança...*

Campos Monteiro era assim — um gladiador forte e sereno que soube enfrentar cheio de encantadora resignação a própria morte.

O. S.

.....
E tudo acaba ali,
— paixões, boas ou más, sonhos dum dia,
o que nos amofina ou nos sorri,
angústias, ilusões, dor, alegria...

E torna-se maior,
ainda, aquele que desaparece:
O perfume da flor
aumenta, recrudescer,
quando só tem a côr duma saúde...

.....
A minha voz apaga-se. Quem há de
ensiná-la a chorar,
— entre amarguras que a existência tem, —
um coração que se apagou, também,
— Êsse que nos deixou, sem um olhar,
para não mais voltar?!

.....

RAMO DE SAUDADES

Um véu de luto encobriu o sol na tarde do teu funeral, e das nuvens caiu o orvalho das lágrimas.

Se tu pudesses ver como foi concurrida a romaria da Senhora da Saúde!

Estivemos lá todos. Todos, ouviste, Mestre e amigo?

Ai, podes acreditar que houve este ano dois dias de finados.

*
* *

Tenho no gabinete onde trabalho, um retrato e uma caricatura do Mestre. Nas estantes todos os livros dêle.

Não me fugiste. Continuas na minha companhia.

*
* *

A's vezes — perdoa-me! — evitava-te. E sabes porquê? Por timidez. Sentia-me tão pequenino diante de ti!

Para conversarmos os dois? Ora, ora... Para que há de piar o pintainho, cando quanta o rouxinol?

*
* *

Nasceu este jornal acarinhado por ti. Um dia, para trocarmos impressões, reunimo-nos tu, os teus dois filhos, o meu camarada e eu.

A tua bondade, os teus conselhos, as tuas palavras leais, eram de tal maneira repartidas por todos, que os teus filhos eram quatro.

*
* *

Nasceu contigo a MARIA RITA e contigo morre.

Impelidas pelo vento do destino, as folhas dêste jornal, despreendem-se das nossas almas, — para acompanharem as das árvores, neste findar de outono, nevoento e triste, — seguindo atrás do teu caixão num murmúrio de orações...

E, pela primeira vez, a MARIA RITA desmente a conhecida frase. Não morre a rir.

Morre a chorar de dor e de saúde.

A nossa pai!

Ocos, de cérebros pasmos ainda ante a irreparável perda que acabamos de sofrer, só uma única força seria capaz de nos impelir a escrever esta página: o falar nêle.

Morreu nosso pai!...

Finou-se há dias serenamente, silenciosamente, como deve finir-se a avesita que a intempérie regelou, como devem finir-se os justos como êle.

Humilde na morte como sempre o fôra na vida, emmudeceu-se para sempre o seu verbo inspirado, imobilizou-se, gelada, a mão que tão belos trechos escreveu.

Modesto, nunca floriram rosetas na sua botoeira deserta, nunca ao seu título laboriosamente conquistado outros títulos balofos se juntaram, nunca benesses ou conesias caíram, como maná de deserto, sôbre os proventos magros da sua profissão tão árdua.

E afinal, no firmamento já tão parcamente constelado das nossas Letras, êle era um astro de refulgência estranha.

Como astro viveu, rebrilhando forte. Como astro se extinguiu, serenamente, bruscamente, numa inesperada mutação mágica de luz em sombra, de dia em noite, de vida em morte.

E como certos astros também ficará perdurando por muito tempo o seu rosto, intenso, forte, emprestando ao firmamento por onde passou o fulgor inolvidável do seu espírito vibrátil.

Ocos, de cérebros pasmos ainda ante a irreparável perda que acabamos de sofrer, só uma única força seria capaz de nos impelir a escrever esta página; agradecer-lhe a grande, a valiosa herança, a única herança que nos deixou: o seu límpido nome.

CAMPOS MONTEIRO, FILHO.
HEITOR CAMPOS MONTEIRO.

Vê-de o Bem!...

A dor, a dor imensa que vai nesta casa, onde outrora fanfarras de alegria e chalaça faziam ouvir a garrulice do nosso humor despreocupado!

Morreu o maior de nós todos, o nosso Mestre, o nosso *irmão mais velho*, e eu não sei de palavras que definam a dor sem remédio de perdê-lo para todo o sempre, assim, súbitamente, tão moço de espírito ainda — o mais moço de nós todos!

Rapazes: parece que morreu alguma coisa de nós mesmos, porque, com Ele, mestre insigne do humorismo que não dispensa a boa literatura, morreu a Alegria, estertorada de dor e luto!

Viver, morrer!

Quem me explica o trágico sentido de estas duas incompreensíveis palavras?

Quando é que se vive?

Quando é que se morre?

Como morreu, quem vive tão grande nas nossas almas, quem tão ligado andava à nossa vida cotidiana? Como dispensar o seu sábio conselho, a sua valiosa colaboração, o seu convívio, o calor da sua Alma tão sensível e tão boa, agora que o Poeta tombou no abismo da morte, cego pela luz do último *raio verde*?

Tudo nesta casa me parece estranho e desconhecido. Aquela secretária em que Ele se sentava, agora vazia, traz-me à lembrança certos barquitos que eu já vi no mar alto em noites de tempestade boiando ao acaso dos vendavais em fúria, sem leme nem arrais!

E esta banca onde me sento, ao cabo de longos meses de ausência, parece-me uma ilha estéril perdida na imensidade da sala, fria, inexpressiva, em que o silêncio arranha trágicamente a epiderme dos meus pobres nervos.

O' grande Amigo! O' incomparável camarada!

Como eu lembro nesta hora cruciante o seu amabilíssimo convívio, a fidalguia do seu trato, a suavidade

do seu comando de chefe digníssimo, sem embófias nem arremedos de mandão — bravo, austero, dominador só com a sua veneranda presença!

E o mundo de infinitas coisas, que ambos vivemos nesta redacção.

Lanço ainda um último olhar para a sua banca de trabalho e estremeço...

Vejo-o erguer-se lentamente, muito pálido, hirto, aprumado, como sempre, um sorriso irónico a despregar-lhe os lábios sensuais, e é tão viva a luz dos seus olhos penetradores, que a sinto dentro de mim em manchas de saúde e dor!

Rapazes: Ele morreu, mas vive ainda e viverá sempre dentro de nós todos.

Olhai-o, amigos; vede-o bem!

Está calmo, sereníssimo, e sorri...

Dir-se-ia que nos vai contar uma de aquelas anedotas que êle dizia impecavelmente, como um artista de singular temperamento.

E' assim, vivo, a palpitar de graça e ironia, sadio e forte, que eu o quero ante os vossos olhos embaciados.

A sua ironia, cortante como a ponta de um bisturi, embora dissecadora e um tanto iconoclasta, brotava espontânea de um sentimento de beleza ou de bondade.

O seu humorismo, cerebral, não era o trampolim do *clown* — era o clarim de um revoltado que chorava às gargalhadas!

Alma generosa em que viviam em tropel os mais belos anseios, êste homem admirável, que possuía uma pluralidade de talentos literários assombrosa, cultivou com esmero todos os generos, desde a sátira ao drama, e em todos êles deixou, ora em vãos de alto lirismo, logo em sorrisos de subtil ironia, o reflexo claro e franco da sua franca e clara alma de transmontano castiço.

Se, com todos os que o pranteiam nesta hora dolorosa, o meu coração de amigo há de para todo o sempre

lamentar a falta do seu convívio, como cidadão de uma Pátria que Ele tanto e tanto amava em vibrações do mais puro civismo, hei-de salientar quanto perdem as letras nacionais, cada vez mais minguadas de autênticos valores.

Sim, amigos, não é apenas um homem que desaparece do episódio da vida na voragem da morte.

E', mais, muito mais, uma geração brilhantíssima que a pouco e pouco se desagrega, deixando a República das Letras na maior das penúrias.

E' o século XIX, romântico e cavalleiresco, cheio de espiritualismo, talvez sonhador, mas generoso e sempre humano, que cede o passo à novíssima invasão dos bárbaros.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Pôrto, 5 de Dezembro de 1933.

OCTÁVIO SÉRGIO.

Campos Monteiro

DRAMATURGO

Com a morte inopinada e tão dolorosíssima para todos nós — os que admirávamos o seu egrégio talento — de Campos Monteiro, perde o teatro português uma das suas mais talentosas figuras. E nunca o lugar-comum foi tão expressivo e justo como neste angustiado momento.

Em Campos Monteiro — figura cavalheiresca de romântico e sonhador, de artista e escritor — prototipavam-se as mais excelsas virtudes de coração e talento, de carácter e espírito.

Foi um lutador dentro de todos os campos da literatura, um homem pôsto à tarefa dia a dia, com ânimo e com vontade. Com o seu carácter robusto e com a sua energia poderosa, atirou-se entusiasticamente ao teatro, pôs-se à tarefa com um ânimo de ferro e conseguiu que, rapidamente, se reparasse nêle sem ter sido levado ao colo para a frente do público, pouco amigo de fixar os que se lhe apresentam sôzinhos, gravemente, como a desafiá-lo. Não teve na sua iniciação auxílios nem confrarias. Teve o seu trabalho e teve as suas amarguras. E assim se impôs. Foi um dramaturgo brilhante que ataviou de galas, que vestiu de galhardias, que adornou de belezas as suas ideias, dando-lhes forma e vulto notáveis.

Paraphraseando uma certa afirmação de Goethe, diremos: o teatro precisa de ser vivido. E assim era o teatro de Campos Monteiro, mesmo aquele de panorama musical.

*
* *

Tôda a obra de arte se sustenta, numa intenção generosa e altiva, consciente da sua força, impondo-se sob

uma forma que não pode deixar de ser bela à moralidade do artista.

O escritor — e o dramaturgo mais do que nenhum outro — como o artista é um missionário que, pela sugestão do seu talento, arrasta, convence e domina todo aquele que um dia conheceu as revelações do seu génio. Para o ser, é necessário sentir a ânsia de encontrar a expressão quási última da forma, na verdade essencial duma ideia; é necessário abstrair da sua própria existência entregando-se num altruísmo expontâneo e inconsciente; é necessário, se tanto fôr preciso, amassar em lágrimas a vida, e de olhos fitos num ideal, seja êle qual fôr, conhecer o sacrifício de nunca o atingir. E' neste esforço extra-humano que a sua obra se eterniza. Não há grandeza sem luta como não há vencedor sem vencido. Um artista é como um grande herói que caminha a galope para a morte sorridente e alegre, arrancando a si mesmo pedaços de vida para a felicidade dos outros. Este sofrimento e esta dor, tornam-se na única compensação a que tem jus a sua obra. Já um grande poeta escreveu: *a dor gama final na música da graça; a dor último tom na escala da beleza.*

E assim foi Campos Monteiro-dramaturgo. Lutou e venceu; com bateu e triunfou pelo seu próprio esforço, que é como quem diz pelo seu próprio talento.

O seu nome — que soa como um precioso timbre de nobreza intelectual — nem sempre aparecia nos cartazes teatrais. E' que Campos Monteiro trajectoriou a sua vida de dramaturgo por uma directriz de independência e altivez intelectual. O teatro tornou-se em feudo de várias confrarias — e o

saúdoso Morto quis sempre seguir a sua rota literária sem deslizes de subalternidade.

A peça em verso, a opereta, a revista, a comédia, o drama, o auto, a mágica, etc., de tudo Campos Monteiro tratou em obras que marcam pela segurança e pessoalismo da técnica, pela flagrante observação dos caracteres, pelo justo desenho do ambiente e pelo notável sentido teatral.

Poucos escritores podiam escrever teatro com tanta expontaneidade e tanto brilhantismo como Campos Monteiro — pois o seu belamente facetado talento de dramaturgo reunia as preciosas faculdades de poeta e prosador, de sentimental e humorista, de lírico e irónico, de romântico e espirituoso.

O seu teatro musicado — de que *Flor do Tojo*, *O Segrêdo da Morgada* e *Maria da Fonte* são três adoráveis e adorados exemplares — tem a eterna beleza do interesse, do encanto e da frescura. São obras que perdurarão no teatro português como manifestações dum talento tão notavelmente predeterminado para a dramaturgia.

Revivê-las, sob a luz estonteante da ribalta, seria uma justíssima homenagem prestada ao talentoso dramaturgo — e uma elevação para a arte teatral.

Não é azado o momento para se fazer uma análise ao teatro de Campos Monteiro; pretendemos agora apenas evocar a sua egrégia personalidade de dramaturgo e o seu nome notável, se bem que, ao escrevermos, a saúdade mais sangue ainda — esta saúdade que há-de estuar, adentro dos arcaboços de todos aqueles que muito o admiraram, perene e vibrante como nos buzios a voz misteriosa do mar...

E D U R I S A .

O que disse a imprensa portuguesa

Todos os jornais portugueses se referiram largamente à morte do ilustre escritor, com palavras, que, nem por serem rigorosamente justas, menos nos sensibilizam nesta hora de luto.

Na impossibilidade de transcrevermos todos os artigos, cumpre-nos expressar a todos os jornais a nossa indelével gratidão.

Ao *Diário de Notícias*, ao *Século*, *Diário de Lisboa*, *A Voz*, *Novidades*, *O Primeiro de Janeiro*, *Comércio do Pôrto*, *Jornal de Notícias*, e a quaisquer outros que nos hajam escapado, o nosso mais comovido e sincero cumprimento de gratidão.

Damos a seguir extractos do que disseram os três diários desta cidade.

“DR. CAMPOS MONTEIRO

Desaparece inesperadamente o ilustre médico e notável homem de letras

A nossa sensibilidade, a sensibilidade de toda a gente desta boa e amável terra do Pôrto, que vive fora da atmosfera exclusiva do interesse material e se move e se choca ante as manifestações do carácter espiritual, estava duramente ferida desde domingo com a notícia da morte do dr. Tito Fontes, essa amável figura de clínico e de cidadão prestimoso que tinha, por assim dizer, o culto da cidade inteira; quando, às primeiras horas da manhã de ontem nos rebenta aqui, nesta banca em que estamos escrevendo, o aviso telefónico de que o dr. Campos Monteiro tinha morrido repentinamente!

A razão, muitas vezes, recusa-se a admitir destas notícias que ferem como punhais, muito embora se saiba que as más novas por muito inesperadas que sejam, de ordinário se confirmam.

Mas como admitir a trágica notícia, se o dr. Campos Monteiro ainda no sábado esteve aqui neste jornal a deixar-nos a sua brilhante crónica, domingo publicada, sem manifestar o menor indício de mal-estar?

A morte é traiçoeira! Quis aniquilá-lo em plena vida, mas quando ele serenamente dormia!

O querido amigo passara o dia de domingo com manifesta satisfação. Falara com os filhos e com várias pessoas amigas, e à noite esteve ouvindo um aparelho de rádio. Deitou-se e

dormiu serenamente. De manhã, pelas 8 horas, a esposa levantou-se e, julgando-o em sono sossegado, saiu do quarto cautelosamente, como era costume. Às 10 horas voltou, trazendo-lhe uma chavena de chá; mas quando o chamava viu que ele não dava acôrdo de si. Afrita, gritou pelo filho médico, dr. Germano Campos Monteiro, que ainda estava em casa, e que dolorosamente foi verificar, atônito, que o coração varonil que tanto batera por si e pelos seus, tinha emmudecido para sempre!

A vida tem cruzes inenarráveis. Este lance doloroso tem aspectos sinistramente trágicos, demais quando se dá com uma pessoa relativamente nova ainda, fazendo uma vida de notável actividade, como clínico e como homem de letras.

O dr. Campos Monteiro contava apenas 57 anos, pois nascera a 7 de Março de 1876 em Moncorvo, a linda terra transmontana de que ele falava com tanto enternecimento. Era filho de José Carlos Monteiro, natural de Braga, mas que se instalou como contador em Moncorvo, onde faleceu, e da sr.^a D. Maria Júlia de Campos, natural daquela vila.

Fêz os seus estudos liceais em Braga e Viana do Castelo. Vindo para o Pôrto e seduzido pela vida do mar, a possibilidade de viajar e ver mundo, ilustrando o seu espírito já sedento e saber, frequentou o curso de preparatórios da marinha, na antiga Academia Politécnica.

Decorrido o primeiro ano, desistiu dessa carreira e matriculou-se na Escola Médica, onde se formou em 1902, fazendo um curso brilhante, assinalado com distinções nos últimos três anos e no acto grande.

Conquanto pela vida fora tivesse marcado como um clínico de distintas aptidões profissionais, onde Campos Monteiro pôs em mais destacante evidência os seus merecimentos foi no campo das letras.

A sua personalidade literária impôs-se, também, como autor teatral de notável merecimento. Foi um homem de teatro completo. Abordou com inteligência, brilho, leveza, humorismo, humanidade e emoção todos os géneros cénicos, afirmando, por forma segura, os seus conhecimentos da técnica teatral.

Produziu opereta dando-nos *O Segrêdo da Morgada*, *A Flor do Tojo*, *Maria da Fonte*, *Rainha da Lacónia* e *O Ramo de Perpétuas*, — peças que foram representadas, com assinalado êxito, em palcos portugueses e brasileiros. Escreveu drama, de que nos recordamos *A promessa* e *O crime duma mulher honesta*, — peça interpretada, entre nós, pela ilustre actriz Adeline Abranches e representada, na tradução italiana, pela grande artista Itália Vitaliani.

Na comédia, marcou ainda o seu lugar produzindo a peça *Quando se amava assim*.

De *O Primeiro de Janeiro*.

“MORREU

CAMPOS MONTEIRO

dos mais notáveis polígrafos Portugueses

A notícia da morte do dr. Campos Monteiro, divulgada rapidamente pelos «placards» dos jornais, causou funda e dolorosa impressão. Morte súbita, brutal, imprevista — morte fulminante — magoou todos os amigos e admiradores do escritor e jornalista ilustre, figura inconfundível do nosso Pôrto.

Campos Monteiro, que morre com pouco mais de 57 anos — nasceu em Moncorvo a 7 de Março de 1876 — era Alguém. No mundo das letras, onde se estreou muito cedo, ainda estudante, tomou cedo o primeiro plano. Polígrafo dos mais distintos — brilhou no romance, na novela, no conto, no teatro, em todos os géneros literários, que para ele não tinham segredos. E no jornalismo, que compendia e resume todos os géneros da literatura, foi dos mais lidimos valores. Quem se não lembra das suas crónicas no «Jornal de Notícias»? Quem não seguia com curiosidade e interesse todos os seus artigos, dispersos por dezenas de publicações?

No teatro teve Campos Monteiro, muito devotado à sua terra, êxitos fulgurantes. «O crime duma mulher honesta» marcou uma «étape» no teatro Grand-Guinholesco. «Quando se amava assim», duma delicada ternura, ficou pelo excelente ambiente moral. As suas operetas «Flor do Tojo» e «O segredo da Morgada» tiveram muitas noites de glória em Portugal e no Brasil.

Relativamente novo, Campos Monteiro, médico distintíssimo, não se poupava. A literatura não é em Portugal modo de vida... Era preciso trabalhar. E o escritor ilustre arranjava, embora à custa da sua saúde, o tempo necessário para as lides do jornalismo — e para os seus trabalhos marcadamente literários.

E o valor literário do autor da «Musa Irónica» e dos «Versos fora de moda» não era um valor fictício, convencional. O seu nome ficará luminoso entre os portugueses. A sua obra, forte, vincada com talento, enobrecce a literatura do nosso tempo. Dignifica-o. Coloca o illustre extinto a-par-dos maiores e dos melhores mestres.

Faláramos a Campos Monteiro há precisamente oito dias. Foi no palco do «Carlos Alberto», na noite da consagração ao «Orfeão Lusitano». O doutor era um dos três oradores oficiais da sessão. Estava risonho, satisfeito. Recebeu-nos, como sempre, amigável, fraternalmente. Daí a pouco teria de falar ao público. Sobre quê? Desta feita, ao contrário do seu costume, escrevera «umas linhazitas». Admiráveis linhas as que êle escreveu e leu! Mas, antes de as ler, fiel ao seu costume, levado talvez pela força do hábito — conversou com a plateia. Amena, agradável, deliciosa palestra. De onde a onde — um pico de ironia, risonha, inofensiva. Que o dr. Campos Monteiro, verdadeiro fidalgo nas maneiras e no trato, nunca ofendeu, nunca melindrou ninguém. Sabia dizer verdades duras — de luva branca.

Morreu. Novo, na plena posse de tódas as suas faculdades intellectuais. A notícia, brutalíssima, esmagou-nos. Desapareceu alguém cuja falta por muito tempo será notada. Alguém que, pela obra realizada, viverá, em espirito, eternamente, entre os portugueses.

A' viúva, tão cruelmente ferida pelo imprevisto desenlace — a morte de Campos Monteiro foi súbita — a seus filhos, os illustres escritores srs. Heitor e dr. Germano Campos Monteiro, a suas filhas — a expressão muito sincera do pesar de quantos trabalham nesta casa.

Notas biográficas

O sr. dr. Abílio Adriano de Campos Monteiro ou, literariamente, Campos Monteiro, doutor em medicina pela Escola-Médica Cirúrgica do Pôrto, antigo administrador do concelho da Maia, deputado da nação pelo circulo do Pôrto, teve sempre uma vida intensa, interessando-se muito por tudo que se ligava com o progresso da sua terra. As agremiações literárias e artísticas mereciam-lhe o maior carinho.

Foi presidente do extinto Club dos Girondinos do Pôrto, da Associação dos Pais e Professores do Liceu Rodrigues de Freitas, vice-presidente da Associação Médica Lusitana, presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto, presidente da Direcção e sócio honorário do Grupo dos Modestos.

Nasceu em Moncorvo a 7 de Março de 1876.

Era filho de José Carlos Monteiro, natural de Braga, que faleceu contador em Moncorvo, e de D. Maria Joaquina Campos, natural desta Vila.

Fêz os estudos liceais em Braga e Viana do Castelo. Frequentou durante um ano a Academia Politécnica, no curso de preparatórios da marinha, mas desistiu dessa carreira, e terminou a formatura na Escola Médica em 1902, sendo classificado com distinções nos últimos três anos e no acto grande.

Jornalista brilhante — colaborou entre outros, nos jornais Moncorvense; Jornal de Viana; Comércio do Lima; Vida Nova, que dirigiu durante alguns meses; Pontos e Virgulas, Distrito de Viana; A Pátria, de Braga; A Voz Pública; Jornal de Notícias, do Pôrto; Argus, revista mensal que fundou e dirigiu; Monitor; Luta de Bouças; Leça; Lidador, de que foi director; Pátria, do Pôrto; Debate; Epoca; Illustração Moderna; Revista de las Españas, de Madrid; Colónia Portuguesa, de S. Paulo, Primeiro de Janeiro e Maria Rita, usando os pseudónimos de «Albimonte», «Mercúrio», «Hamilton», «Marcial Jordão», «Gil Barbeira», «Catulo» e «Turidu».

A obra literária de Campos Monteiro

Escreveu, em verso: *Arco-Iris* (esgotado); *A paixão de Ferrer*, poema (1.º milhar); *Versos fora de moda* (2.ª edição, 3.º milhar, esgotado); *Musa irónica* (2.ª edição, 4.º milhar); *Santa Olívia*, poema (3.º milhar).

Em prosa: *Neurastenia* (esgotado); *Os Lusíadas anotados* (4.º milhar); *Os Lusíadas anotados e parafraseados* (2.ª edição, 12.º milhar); *A oito dias de vista*, crónicas (esgotado); *Saúde e Fraternidade*, sátira política (10.ª edição, 30.º milhar); *Moeda corrente*, crónicas e contos (2.ª edição, 10.º milhar); *O médico-peçonha*, crítica (5.º milhar); *Contra a maré*, contos e crónicas (5.º milhar); *Entre-Douro-e-Minho*, monografia (10.º milhar); *O livro, o melhor dos amigos*, conferência (2.º milhar); *Ares da minha serra*, novelas (4.º milhar).

Os dramas de ontem — I, *Miss enfinge*, romance (4.ª edição, 20.º milhar); II, *Camilo Alcoforado*, romance (2.ª edição, 13.º milhar).

A comédia de hoje — I, *As duas paixões de Sabino Arruda*, romance (5.º milhar).

No teatro foram representadas, não tendo sido ainda impressas: *O segredo da Morgada*, opereta em 3 actos; *A Rainha da Lacónia*, opereta em 3 actos; *O ramo de perpétuas*, opereta em 3 actos.

Representadas e impressas — deixou o glorioso escritor mais as seguintes peças: *Os filhos de Minerva*, peça em 4 actos (esgotado); *A promessa*, peça em 1 acto (2.ª edição, 13.º milhar); *O crime duma mulher honesta*, drama (3.º milhar, esgotado); *Auº das três barcas*, peça em 4 quadros (2.º milhar); *Flor do Tojo*, opereta

em 3 actos (3.º milhar); *Maria da Fonte*, opereta em 3 actos (3.º milhar).

A actividade literária de Campos Monteiro — que como médico tinha uma clientela numerosíssima — surpreende. Além dos seus originaes, páginas maravilhosas, traduziu para a nossa lingua em traduções modelares os seguintes romances francezes e espanhóis:

A sombra do passado, de H. Ardel; *Uma noite de Cleópatra*, de T. Gautier; *Azul e branco*, de H. Ardel; *Annie*, de Maryan; *A hora decisiva*, de H. Ardel; *Um divórcio*, de P. Bourget; *Fogo mal extinto*, de H. Ardel; *Minha mulher não quer filhos*, de C. Vautel; *Uma aventura imprudente*, de H. Ardel; *A alegria do capitão Ribot*, de P. Valdés; *O tio Renato*, de H. Ardel; *Os que não foram à guerra*, de Fernandez Florez; *A esfinge falou*, de M. Dekobra; *O prazer do perigo*, de A. Insua; *O amor em dois tempos*, de A. Insua; *A mulher, o Toureiro e o Touro*.

De o *Jornal de Notícias*.

“DR. CAMPOS MONTEIRO

Faleceu ontem, repentinamente, na sua residência de S. Mamede de Infesta, o nosso prezado amigo sr. dr. Abílio Adriano de Campos Monteiro, considerado clinico e escritor muito notável. Contava 57 anos de idade, pois nasceu em Moncorvo, terra a que muito queria, em 7 de Março de 1876.

Dotado de talento brilhante para as letras, cultivou, com esmero, vários ramos de literatura, a poesia, o romance, a crónica, o jornalismo, o teatro e em tódas essas manifestações da sua intelligência e da sua cultura se afirmou sempre como um literato de alto valor.

Entre as suas obras citaremos:

Poesia — *Arco Iris*, (esgotado); *A paixão de Ferrer*, poema (1.º milhar); *Versos fora de moda* (2.ª edição, 3.º milhar, esgotado); *Musa irónica* (2.ª edição, 4.º milhar); *Santa Olívia*, poema (3.º milhar); *O raio verde*, (2.º milhar).

Prosa — *Neurastenia* (esgotado); *Os Lusíadas anotados* (4.º milhar); *Os Lusíadas anotados e parafraseados* (2.ª edição, 12.º milhar); *A oito dias de vista*, crónicas (esgotado); *Saúde e Fraternidade*, sátira política (10.ª edição, 30.º milhar); *Moeda Corrente*, crónicas e contos (2.ª edição, 10.º milhar); *O médico-peçonha*, crítica (5.º milhar); *Contra a maré*, contos e crónicas (5.º milhar); *Entre-Douro-e-Minho*, monografia (10.º milhar); *O livro, o melhor dos amigos*, conferência (2.º milhar); *Ares da minha serra*, novelas (4.º milhar).

Os dramas de ontem — Miss Esfinge romance (4.^a edição, 20.^o milhar); Camilo Alcoforado, romance, (2.^a edição, 13.^o milhar).

A comédia de hoje — As duas paixões de Sabino Arruda, romance (5.^o milhar).

Teatro — Os filhos de Minerva, peça em 4 actos (esgotado); A promessa, peça em 1 acto (2.^a edição, 13.^o milhar); O crime duma mulher honesta, drama (3.^o milhar, esgotado); Quando se amava assim, peça em 3 actos (2.^o milhar); Auto das três barcas, peça em 4 quadros (2.^o milhar); Flor do Tojo, opereta em 3 actos (3.^o milhar); Maria da Fonte, opereta em 3 actos (3.^o milhar).

Peças representadas, mas ainda não impressas — O segredo da Morgada, opereta em 3 actos; A Rainha da Lacônia, opereta em 3 actos; O ramo de perpétuas, opereta em 3 actos.

Traduções — A sombra do passado, de H. Ardel; Uma noite de Cleópatra, de T. Gautier; Azul e branco, de H. Ardel; Annie, de Maryan; A hora decisiva, de H. Ardel; Um divórcio, de P. Bourget; Fogo mal extinto, de H. Ardel; Minha mulher não quer filhos, de C. Vautel; Uma aventura imprudente, de H. Ardel; A alegria do capitão Ribot, de P. Valdés; O tio Renato, de H. Ardel; Os que não foram à guerra, de Fernandez Florez; A esfinge falou, de M. Dekobra; O prazer do perigo, de A. Insua; Mulheres históricas, de A. Insua; O amor em dois tempos, de A. Insua; A mulher, o toureiro e o touro.

Estava a trabalhar presentemente numa outra obra, continuação de Miss Esfinge e Camilo Alcoforado, cujo titulo não tinha ainda fixado.

Era colaborador assíduo do nosso prezado colega O Primeiro de Janeiro, onde publicava interessantes crónicas, sob o titulo Quarto de sentinela.

Colaborou também, entre outros jornais, no Moncorvensê, Jornal de Viana, Comércio do Lima, Vida Nova, que dirigiu durante alguns meses; Pontos e Virgulas, Distrito de Viana, A Pátria, de Braga; A Voz Publica, Jornal de Noticias, Argus, Monitor, de Matosinhos; Luta, de Bouças; Leça, Lidador, de que foi director; Pátria, do Pôrto; Debate, Época, Illustração Moderna, Revista de las Españas, de Madrid; Colónia Portuguesa, de S. Paulo, com os pseudónimos de Abimont, Mercurio, Hamilton, Marcial Jordão, Gil Buecheiro, Catulo e Turidu.

Era actualmente director do Magazine Civilização.

Afectuoso chefe de familia, revia-se agora nas graças de sua netinha Maria Manuella, a quem ensinou a ler e, ainda há dias, reconhecendo que ella lia bastante, tivera esta expressão consolada: «Agora, já sabe ler; posso morrer descansado.»

De o Comércio do Pôrto.

Sá a dor é fecunda

Ao Dr. Joaquim Costa.

Chegado ao ponto augusto da viagem
em que se avista o túmulo já perto,
desdobra-se em minh'alma esta paisagem:
raros vergéis brotando num deserto.

Faz-se entre o Gôzo e a Dor tódá a romagem
da Vida: o trilho que pisei incerto,
ora o enchi de risos na passagem,
ora o deixei de lágrimas coberto.

Floriu o solo onde tombou meu pranto;
onde o Prazer me cumulou de encanto
transformou-se em restevras, areais...

E olhando o panorama dos meus dias,
sinto a mágua de tantas alegrias...
...e a pena de não ter sofrido mais!

C A M P O S M O N T E I R O .

Do livro RAIOS VERDES — Últimos Versos.

AOS NOSSOS LEITORES A ADMINISTRAÇÃO de MARIA RITA,

Nesta hora dolorida, corações em chaga viva, não podem os directores d'este semanário continuar a prestar o seu concurso a estas páginas de humor, em que brilhou como astro de primeira grandeza o espirito de Campos Monteiro.

Por tal, MARIA RITA suspende temporariamente a sua publicação com o presente número.

A todos os nossos leitores, assinantes e colaboradores, a expressão viva do nosso agradecimento pela coadjuvação que nos prestaram.

declaro que, tendo a Empresa decidido suspender temporariamente esta publicação, está pronta a reembolsar todos os senhores assinantes da quantia relativa aos números que deixam de publicar-se, mediante a apresentação dos respectivos recibos.

Composto e impresso nas oficinas da IMPRENSA PORTUGUESA, rua Formosa, 108-116, Tel. 1466 — Pôrto.

A REDACÇÃO.

Visado pela Comissão de Censura